

POR UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E ENGAJADA DE TRADUTORES

FOR A CRITICAL AND ENGAGED TRANSLATOR TRAINING



Márcia Moura da SILVA
Professora adjunta
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Modernas
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
lattes.cnpq.br/4660817760577451
orcid.org/0000-0002-4788-1461
marciamouras@hotmail.com

Sandra Dias LOGUERCIO
Professora associada
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Modernas
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
lattes.cnpq.br/6455614754829824
orcid.org/0000-0002-9290-5258
sandraloguercio@hotmail.com

Resumo: Pode ou deve o tradutor engajar-se política e socialmente em suas traduções ou em seus trabalhos acadêmicos em tradução? Em que medida tradutores e intérpretes, incluindo aqueles que estão em formação, refletem sobre a natureza ideológica do conhecimento que produzem e seus efeitos para a sociedade? Partindo da problematização dessas questões, que diz do próprio lugar social e político do profissional da tradução, defendemos que uma visão crítica da prática tradutória e o engajamento — capazes de resultar em ações emancipatórias e de resistência — devem ser exercitados desde a graduação. Afinal, os aspectos cognitivo, afetivo, social e político interrelacionam-se continuamente no sujeito em formação. Propomos, assim, um observatório da pesquisa inicial em tradução — aquela realizada por graduandos ao final da graduação — que se apoia na concepção de terrenos sensíveis, conceito tomado da antropologia francesa, e na abordagem narrativa da interação aplicada à tradução (Mona Baker) e, para nós, também ao trabalho acadêmico. Ao atualizarmos os dados levantados pelo observatório (que cobrem o período de 2016 a 2019), apontamos em resumos e introduções de TCCs a maneira como os estudantes se posicionam em relação a temas sensíveis, seja por escolhas da tradução de uma obra ou autor(a), seja em razão de como problematizam questões atinentes a práticas tradutórias e a traduções, o que funciona como um termômetro para o que, enquanto formadores, temos fomentado nas instituições de ensino superior brasileiras.

Palavras-chave: Formação de tradutores. Terrenos sensíveis. Abordagem narrativa da interação. Engajamento político-social. Trabalhos de conclusão de curso em tradução.

Abstract: *Can or should translators engage politically and socially in their translations or academic research in translation? To what extent do translators and interpreters, including those in training, reflect upon the ideological nature of the knowledge they produce and its effects on society? As these questions are related to the translator's social and political place, we believe that a critical view of translation practice and political engagement, which can lead to acts of emancipation and resistance, should be first explored during the BA course. After all, cognitive, affective, social and political aspects are continuously interrelated in the individual in training. Thus, we propose an observatory of early-stage research in translation carried out by undergraduate students at the end of their course. This proposal is based on the idea of sensitive terrains, a concept borrowed from French anthropology, and the narrative approach to translation (Mona Baker), which we here expand to cover academic research. By updating the data collected by the observatory (covering the period from 2016 to 2019), we verified, in abstracts and introductions of undergraduate dissertations, how students position themselves concerning sensitive topics. This positioning can manifest itself in either their choices of a particular translated author or book or in the way they problematise issues related to translation practices and translations, which shows what we, as educators, have been fostering in Brazilian higher education institutions.*

Keywords: *Translator Education. Sensitive Terrain. Narrative Approach. Political and Social Engagement. Undergraduate Dissertations in Translation.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Compreendemos, a partir dos Estudos da Tradução, o papel do tradutor e do intérprete¹ como agente de mediação cultural, cujas atividades operam diretamente na construção de discursos e no fluxo de textos (orais ou escritos), produzindo conhecimento e possibilitando ao mesmo tempo, por parte de seus leitores ou ouvintes, a produção de conhecimentos, por meio da cadeia de diálogos que ajuda a criar. Mas, ao atuar, tal profissional está sempre consciente disso? Apropria-se de fato desse papel, assumindo sua dimensão social e política, ou está fadado a agir como um “autômato”, engolido pelo capitalismo multinacional e a doutrina neoliberal? Reflete sobre o tipo de conhecimento que produz e, sobretudo, para quem e com que propósitos? Como bem nos lembra Baker (s/d), é conhecida a metáfora da tradução como uma ponte e a do tradutor como construtor dessa ponte. Porém, essa visão romantizada da profissão e do papel do tradutor ignora o fato de que nem toda ponte é construída para encontros pacíficos, para facilitar contato entre culturas diferentes. Pontes podem conduzir tropas com o objetivo de exterminar pessoas inocentes do outro lado. Tradutores precisam se perguntar se querem de fato construir tais pontes, pois ao construí-las, não estariam se juntando a essas tropas?

2 Se, por um lado, toda tradução produz conhecimento direta e indiretamente, por outro, toda produção de conhecimento deveria visar ações emancipatórias ou, nas palavras de Santos (2011), deveria constituir conhecimento-emancipação.² Para tanto, há que se ir além da análise do que existe para propor “alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe” (Santos, 2011, p. 23). Esse movimento exige dos pesquisadores — e de todo aquele que produz conhecimento, inclusive dos tradutores — conexão com as situações que suscitam algum tipo de sofrimento em nossas sociedades — oriundo da precarização das condições de vida e de trabalho, da exclusão, das desigualdades, das formas de colonialismo, das injustiças mais diversas — e igualmente tomada de posição e crítica ao próprio conhecimento que se produz, que não é imune a ideologias dominantes. Como bem explica Tymoczko (2013),

a ideologia de uma tradução não reside simplesmente no texto traduzido, mas no modo de expressão e na postura do(a) tradutor(a), bem como na relevância dessa tradução aspectos são influenciados pelo lugar de enunciação do tradutor: de fato eles são parte do que chamamos de “lugar” de enunciação, pois aquele “lugar” é uma posição ideológica, bem como uma posição temporal e geográfica. Tais aspectos da tradução são motivados e determinados pelas afiliações culturais e ideológicas do tradutor(a),

assim como ou ainda mais motivados pela localização espacial e temporal de onde ele (ela) fala. (Tymoczko, 2013, p. 118)

Nesse sentido, e colocando em prática a crítica ao conhecimento produzido, a autora questiona a ideia tão difundida, nas últimas décadas, nos Estudos de Tradução do *entre-lugar* (Spivak, 1993; Simon, 1996; Bhabha, 1994), um lugar diferente daquele em que vivem os comuns dos mortais: um lugar por vezes híbrido (Bhabha, 1994), por vezes vazio, nunca ocupado (Spivak, 1993), por vezes ainda ocupado por múltiplas afiliações culturais (Simon, 1996). Se tal concepção ajuda a teoria tradutória a ver os aspectos implicados na atividade de maneira mais complexa do que os binarismos oriundos de uma visão estruturalista — para resumir, algo que era até então visto como tendendo ou para a língua-cultura de partida ou para a língua-cultura de chegada —, ela parece desconsiderar que, de todo modo, tradutores atuam sempre dentro de um quadro cultural e operam com sistemas linguísticos formais pré-existentes. Como todos os leitores e falantes, portanto, podemos dizer que eles fazem parte de *comunidades interpretativas*³ (Fish, 1980), produzindo interpretações e, assim, textos, discursos e narrativas, sempre afiliados a ideologias e movimentos culturais. Em outras palavras, tradutores-intérpretes traduzem e interpretam sempre de um determinado lugar: um lugar de enunciação definido pela situação mais imediata em que se encontram ao produzirem enunciados e, ao mesmo tempo, pelos mais variados determinantes sócio-histórico-culturais.

O reconhecimento desse lugar ocupado pelo tradutor repercute, por sua vez, na compreensão da ética profissional. Em abordagens tão distintas como a das deformações propostas por Berman (1995), a da diferença de Venuti (2002) e a do escopo, ao qual se vincula Nord (2016), o tradutor ético é aquele que assume suas escolhas, revelando seu projeto de tradução, ou seja, suas intenções. Baker (2018a) vai um pouco além, ao chamar a atenção para o fato de que toda escolha tradutória é uma *ação*, que deve poder ser justificada para si e para os outros, já que se estende ao domínio público e tem efeitos sobre as realidades. Justamente por sofrerem determinações diversas, como todo sujeito, o profissional da tradução tem algum grau de controle sobre seu discurso, mas não totalmente. Dessa forma, parece essencial, em primeiro lugar, que tome consciência do lugar que ocupa, do lugar que outros ocupam, de como se dão as relações interpessoais e interculturais em determinado contexto, para que identifique os discursos e as ideologias em jogo cada vez que enuncia algo, isto é, que seja um profissional crítico; em segundo, que possa contribuir, a partir do conhecimento que produz e que ajuda a produzir, com ações emancipatórias, tornando-se um profissional engajado.

3

Em nosso projeto mais recente, ao modo de um observatório, buscamos identificar a que causas político-sociais graduandos em cursos de Tradução têm se vinculado ao final de sua formação universitária. A escolha de autores, textos e temas de tradução e de pesquisa na área, bem como seus posicionamentos apontam para vínculos com questões atinentes à sociedade de maneira geral, mais especificamente com as narrativas que estão em disputa em seu tempo-espaço, revelando, ao fim e ao cabo, a permeabilidade discursiva das formações de tradutores relativa a temas sensíveis de nossa sociedade (Loguercio & Silva, 2020). Neste artigo, trazemos dados atualizados desse levantamento e damos especial atenção à análise de suas narrativas acadêmicas, vistas em resumos e nos textos introdutórios de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) coletados em cinco universidades federais brasileiras, conforme descreveremos mais adiante. Esses trabalhos constituem uma das primeiras oportunidades que esses futuros profissionais da tradução têm de exercitar uma leitura crítica de seu mundo e o engajamento político-social como sujeitos tradutores.

Noções e Princípios Norteadores

4 *Por uma Abordagem Sensível no Campo da Tradução*

Como um reflexo do próprio senso comum sobre tradutores e intérpretes — profissionais que “transmitem” para determinada cultura o pensamento de outro sujeito, este, sim, sujeito do discurso e do conhecimento —, bem como de uma prática científica que muitas vezes promove a neutralidade em suas abordagens, nem sempre evidenciando motivações pessoais ou a inclinação por determinado tema, pesquisadores e estudantes de Tradução podem se tornar tímidos para se posicionar para além de questões técnicas próprias às práticas tradutórias ou da profissão propriamente dita. De alguma forma, ao perceberem que estão cruzando fronteiras — embora seja bem esse seu ofício —, tendem a silenciar-se e, assim, acabam invisibilizando-se para a sociedade, para outros pesquisadores, ao não participarem explicitamente, a partir de seu campo de conhecimento, de debates de interesses sociais mais amplos, ficando entre a resignação com o lugar que o senso comum lhes atribui e a indiferença à consciência cidadã.

A aproximação com a abordagem antropológica dos terrenos ou campos sensíveis (do francês *terrains sensibles*)⁴ nos ajuda, nesse sentido, a dar um passo em outra direção, evitando que internalizem tais posturas ao exercitar o olhar sensível e o engajamento na pesquisa. Por essa noção, compreendem-se tanto espaços e/ou condições sociais marcados por processos de marginalização, exclusão, dominação, ou seja, por algum tipo de violência física ou simbólica,

quanto abordagens, por parte do pesquisador, que fogem a protocolos de pesquisa canônicos, uma vez que respondem explicitamente a demandas sociais (Bouillon et al., 2006). Assim, não basta apenas reconhecer que boa parte da prática tradutória, de interpretação ou de pesquisa na área são marcadas por propósitos ideológicos, mas assumi-los publicamente, enquanto tradutor e/ou pesquisador, como condição para a própria prática, senão em todas as esferas da profissão,⁵ no mínimo dentro da academia. A partir dos Estudos da Tradução, Tymoczko adere a essa postura dos cientistas sociais, alegando que “apenas reconhecendo a posição que o investigador ocupa dentro de um sistema, é que podemos entender as contingências ideológicas e pressuposições do próprio investigador. Claramente, esses argumentos têm relevância para ambos: tradutores e autores da área de tradução.” (Tymoczko, 2013, p. 136).

Se nos voltarmos especificamente para a situação de investigação na qual se encontram os estudantes ao final da graduação, podemos estreitar essa aproximação para aprofundar alguns aspectos que terão efeitos para seus trabalhos acadêmicos. Mais do que espaços ou condições sociais, o terreno investigado (o texto/autor traduzido, as questões de pesquisa formuladas referentes à linguagem em tradução etc.), ou o campo para o etnógrafo, “constitui um conjunto de relações que supõe a presença e o engajamento pessoal do pesquisador” (Agier, 2006, p. 178), em que suas qualidades de todo tipo (valores morais, convicções políticas, identificações, mas também como os outros o veem) estão implicadas. Esse conjunto de relações, em que se fundem subjetividades,⁶ é que constitui, por sua vez, sua “base de dados”, a partir da qual poderá construir seu estudo, que não se faz, tampouco, sem objetivação. Nesse sentido, Agier (2006) nos diz que a aproximação com o campo (estar dentro, implicado, engajado) é tão necessária quanto o distanciamento (manter-se estrangeiro, recuado) ou, em suas palavras: “a existência mesma da pesquisa depende, . . . da possibilidade de um “desengajamento” consecutivo ou alternativo ao engajamento ao campo.” (Agier, 2006, p. 181). De fato, sem diferenciação entre a posição do sujeito investigador e a do(s) sujeitos(s) investigado(s) não há objeto de pesquisa e, sobretudo, não se constrói “inteligibilidade do mundo social” (Agier, 2006, p. 179)⁷ ou, parafraseando o autor, não se traduzem mundos sociais. Mas este parece ser um exercício natural para tradutores.

O que é menos evidente é que esses atores sociais tomem partido abertamente, para o público leitor ou ouvinte, sobre escolhas e decisões, no âmbito de sua prática e a partir de sua sensibilidade, ou seja, do campo discursivo e social que identificam como *sensível*, como carente de intervenção tradutória. Por servirem normalmente a outros agentes, como o mercado editorial, as agências de tradução, as mais diversas áreas acadêmicas e técnicas, as mais

distintas instituições (públicas ou privadas), esses profissionais não costumam decidir *o que* vão traduzir, *quem* vão interpretar, nem mesmo, muitas vezes, *de que maneira* (por qual abordagem), uma vez que isso não vem ao caso.⁸ Afinal, prevalece a visão de reprodutores de discursos. No entanto, uma gama de situações, em que podem intervir declaradamente e com propriedade, se abre no cotidiano de profissionais da tradução, como também para aqueles que se preparam para a profissão. De maneira mais imediata, podemos evocar as inúmeras redes de tradutores ativistas, que atuam voluntariamente, aqueles cuja atividade é, em sua gênese, sensível, como os intérpretes comunitários, que atuam junto a grupos linguísticos minoritários, comumente em situação de risco ou precariedade (como surdos, refugiados, indígenas etc.), que são chamados a mediar comunicações *para* pessoas⁹ que, com desvantagem linguística, se encontram em situação de vulnerabilidade (jurídica, de saúde, por exemplo) e ilustram a própria situação do “pesquisador de campo” que se insere, concretamente, em um determinado terreno sensível. De maneira mais opaca, indireta, podemos apontar temáticas, áreas, línguas, culturas, autores(as) que não foram traduzidos(as) — as grandes lacunas no universo das trocas simbólicas —, que carecem de retraduições, que necessitam de novas abordagens tradutórias, que merecem ser “ditos” em determinada língua, para determinada cultura — ajudando a revisitar e questionar valores, comportamentos, quadros epistemológicos —, que exigem reavaliação e/ou reinvenção de práticas em todas as formas que uma ação tradutória pode tomar, entre outros aspectos.

6

Na verdade, muitos são os contextos em que o profissional da tradução pode agir conscientemente para a transformação de realidades sociais, ou seja, implicar-se em um movimento coletivo mais amplo, para além de sua própria realidade individual. O que não significa dizer que ele terá controle sobre as mudanças que pretende produzir — como nos chama a atenção Cheung (2013),¹⁰ afinal “na grande troca e fertilização cruzada de ideias entre linguagem e nações há sempre um elemento de imprevisibilidade” (Cheung, 2013, p. 338) e a interação dessas ideias com variados fatores —, mas que ele está em conexão com necessidades coletivas e em alerta para processos de destruição de grupos sociais e seus meios.

A Abordagem Narrativa da Interação na Tradução e no Trabalho Acadêmico em Tradução

Tal como o dito popular que diz “quem conta um conto aumenta um ponto”, a abordagem narrativa da interação praticada por Baker (2018a, 2018b), na análise de traduções e práticas tradutórias, tem se mostrado um instrumento potente para discutir o que tradutores

produzem. Na mesma linha de Tymoczko, a autora chama a atenção para o fato de que toda tradução é uma “renarração” de uma “história”, e que a vinculação a “histórias” que contamos a outras pessoas determina nossas ações, nossa maneira de contar, revelando, por sua vez, nossos posicionamentos político-ideológicos. Cada escolha tradutória é vista, assim, “como um tipo de índice que ativa uma narrativa, uma história de como é o mundo ou algum de seus aspectos” (Baker, 2018a, p. 527). Exemplos disso emergem nas traduções de todo tipo. Para ilustrarmos mais imediatamente o que a autora argumenta, recorremos a matérias jornalísticas traduzidas, como as que o jornal *Le Monde diplomatique* disponibiliza *online* em sua edição francesa: assim, por exemplo, de um artigo intitulado originalmente *Prisons brésiliennes, du désastre social aux mafias* [Prisões brasileiras, do desastre social às máfias], publicado em 2006, passamos para *Brazil's real overlords* [Os verdadeiros senhores do Brasil] e para *Uma radiografia do PCC*, nas respectivas versões para o inglês e o português brasileiro, diferenças de narrativa que dispensam comentários; ou ainda, mais recentemente, o artigo publicado, em 2018, originalmente como *Retour de la violence politique au Brésil* [Retorno da violência política no Brasil], que trata da violência sofrida por trabalhadores, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), quando manifestavam apoio ao ex-Presidente Lula da Silva, então em caravana pelo país, que foi traduzido para o inglês como *Brazil goes back to an oligarch past* [Brasil de volta a seu passado oligarca], título que destaca a fonte da violência que é relatada no artigo.

Se esses exemplos são mais gritantes das narrativas que se estabelecem e, no caso de títulos, evocam escolhas mais conscientes — que, em muitos casos, extrapolam a decisão do tradutor propriamente dito, sendo de responsabilidade igualmente de outros agentes que o cercam —, todo tradutor é confrontado a todo instante com tomadas de decisão. Algumas serão mais ponderadas, outras fugirão a estratégias de controle, por mais amparado que esteja por um projeto de tradução, por mais preparado que se encontre e por mais experiência que tenha. Os textos que lemos ou ouvimos ativam narrativas que, em maior ou menor grau, nos afetam, e, afetados, passamos, enquanto renarradores, a agir movidos também por afetos, conscientemente ou não. Quando o afeto é a própria indiferença, isto é, a falta de qualquer conexão com o que está sendo dito e com o contexto, tendemos a reproduzir o que ouvimos, sem qualquer questionamento. A indiferença, que causa alienação, também acontece na atividade tradutória e no trabalho de pesquisa feito por imposição. Desse modo, em vez de evitar os afetos, melhor compreendê-los e buscar o envolvimento com as histórias que recontamos, porque, como diz Baker,

A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro. Ao adotar uma abordagem narrativa da interação, . . . parto do princípio de que as histórias que contamos e recontamos, incluindo aquelas recontadas por meio de traduções, constituem um local onde exercitamos nossa atividade e, nesse sentido, elas são, em última análise, uma ferramenta para mudar o mundo. (Baker, 2018b, p. 340)

8

O fazer científico, assim como toda construção de saberes, sobretudo aqueles que se dão essencialmente via textualidade, não são diferentes. Seja pelo recorte temático, pela linha teórica à qual nos filiamos, pela abordagem metodológica privilegiada, pela postura retórica que assumimos na narrativa de pesquisa, marcamos de algum modo nossa posição: tanto em meio aos estudiosos quanto em meio a realidades sociais traduzidas por narrativas em disputa em determinado contexto. A postura tradicionalmente epistêmica adotada nos discursos acadêmico-científicos, marcada por um estilo impessoal, descritivo e neutro, em razão de normas explícitas e implícitas, mas sobretudo dos quadros epistemológicos que assumimos ou herdamos (Grossmann, 2015, p. 123), pode resultar em um apagamento do sujeito enunciativo, mas não de autoria. Assim, todo trabalho acadêmico — seja de natureza descritiva, explicativa, interpretativa; seja em forma mais ensaística ou de relato — é construído a partir de experiências subjetivas e aponta, a todo momento, para o(s) sujeito(s) e a maneira como constrói(oem) seu próprio objeto de investigação. É o autor (ou um grupo de autores, uma parceria), fonte do discurso, que dá, finalmente, o tom, a letra e a melodia de seu canto.

Observações Metodológicas e Levantamentos Iniciais

Recapitulando Alguns Resultados

Na primeira etapa do projeto, selecionamos seis instituições públicas de diferentes regiões do Brasil que oferecem cursos de Letras/Tradução — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU) —, para fazermos um levantamento dos temas abordados nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) no período 2016–2018, cujo foco seja em tradução.¹¹ Ao mesmo tempo, verificamos como os cursos são apresentados à comunidade

nos *sites* dessas universidades. O Quadro 1 mostra o ano de criação e as línguas que compõem cada um desses cursos.

Quadro 1

Ano de criação e língua(s) em oferta

| Instituição | Ano de criação do curso Letras/ Tradução | Línguas |
|-------------|--|--|
| UFRGS | 1973 | alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, LIBRAS |
| UNESP | 1978 | espanhol, francês, inglês, italiano |
| UnB | 1979 | espanhol, francês, inglês |
| UFPB | 2009 | Inglês |
| UFPel | 2010 | espanhol, inglês |
| UFU | 2010 | Inglês |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Tendo por base as perguntas de pesquisa: como se manifestam ou não as aproximações com temas/abordagens sensíveis na formação de tradutores? A que narrativas os estudantes aderem, vinculam-se? O principal objetivo desse levantamento é identificar a que causas político-sociais os graduandos desses cursos têm se vinculado. Após busca nos repositórios institucionais, encontramos um total de 231 trabalhos defendidos no período selecionado.¹² Informações como nome de autor/orientador, título, resumo e palavras-chave foram extraídas e armazenadas. Os dados foram subsequentemente organizados em tabelas para facilitar nossa análise. O Quadro 2 mostra a distribuição desses trabalhos por instituição.

Quadro 2

Trabalhos defendidos entre 2016 e 2018

| | UFRGS | UNESP | UnB | UFPB | UFpel | UFU | Total |
|------------------------------|-------|-------|-----|------|-------|-----|-------|
| Total TCCs defendidos | 86 | 0 | 105 | 19 | 7 | 14 | 231 |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os números díspares refletem o fato de que os cursos foram criados em épocas diferentes e os TCCs passaram a ser requisito para obtenção do título de Bacharelado também em épocas diferentes. O TCC não faz parte da grade curricular da UNESP, por exemplo, por

isso a ausência de trabalhos, motivo pelo qual esta instituição foi retirada da segunda etapa da pesquisa.

As temáticas e/ou abordagens sensíveis foram identificadas por meio da leitura dos resumos (uma espécie de notícia dos trabalhos que serve para divulgá-los), sobretudo com base no posicionamento e motivações da realização do trabalho. Das temáticas/abordagens identificadas como sensíveis, chegamos a esta classificação: i) acessibilidade; ii) ética; iii) feminismo/gênero; iv) meio ambiente; v) minorias/literatura periférica e vi) política.

Verificamos que há um número maior de TCCs com temática sensível na UnB (20 TCCs), sobretudo em língua inglesa,¹³ tendo trabalhos em todas as categorias identificadas. A UFRGS aparece em segundo lugar (11 TCCs), também com maior número em língua inglesa. Ainda que haja mais trabalhos nessa língua em todas as instituições, observamos que o número de trabalhos em outras línguas que abordam temas sensíveis vem crescendo consideravelmente, havendo, proporcionalmente ao número de trabalhos defendidos, uma porcentagem maior desses temas em outras línguas, sobretudo espanhol e francês. A Figura 1 mostra a distribuição dos temas sensíveis.¹⁴

10

Figura 1

Distribuição dos temas sensíveis identificados em resumos de TCCs (2016–2018)



Fonte: Loguercio e Silva (2020).

A partir desse primeiro levantamento, pudemos tecer as seguintes considerações.

Os principais temas identificados estão em sintonia com questões que têm recebido, no meio acadêmico, mas não apenas, maior atenção nos últimos anos, como feminismo, acessibilidade e minorias/literatura periférica. Mais especificamente, esses temas estão atrelados ao perfil dos segmentos discentes: maior número de mulheres na universidade;¹⁵

conquistas importantes das políticas de gênero;¹⁶ a acessibilidade vem impulsionada também por políticas públicas, relacionadas sobretudo a Libras, língua reconhecida por lei em 2002, e à busca pelo maior acolhimento de pessoas portadoras de necessidades especiais nos ambientes acadêmico; assim como um maior questionamento dos cânones literários e científicos a partir de pesquisas envolvendo literatura de países periféricos, de autores afrodescendentes e de autoras.

Verificamos também que houve um aumento no número de trabalhos com temas sensíveis entre os anos de 2017 e 2018, com exceção da UFPel e da UnB. Esse aumento pode ser reflexo da intensificação das crises econômica e política pelas quais atravessa o país, que naturalmente afeta os valores morais e éticos da sociedade, encorajando a comunidade acadêmica a se manifestar. Frente a esse resultado, se por um lado esperávamos que a segunda etapa nos revelasse um aumento no número de trabalhos com temáticas sensíveis, por outro, tínhamos um efeito contrário, derivado do recrudescimento da violência, estimulado pelo governo atual que se empenha em silenciar vozes acadêmicas que lhe são contrárias ou o contestam, o que pode levar à escolha de temas mais neutros e ao não engajamento.

Vale frisar, finalmente, que, em relação a essas temáticas abordadas nos TCCs, muito mais importante que a escolha de tema ou de autor/obra a ser traduzido(a) é a *maneira* como os temas são abordados nos resumos, isto é, o ponto de vista adotado, pois é isso que faz com que os textos sejam lidos ou não como uma abordagem sensível; em outras palavras, podemos pensar que, no caso de traduções comentadas, por exemplo, a narrativa escolhida como objeto da tradução não se confunde com a narrativa do autor do trabalho, em que ele manifesta seu posicionamento em relação a questões sociais, políticas e ideológicas. É sobretudo esse aspecto que ilustramos mais adiante.

11

Dando Continuidade à Busca por Temas Sensíveis

A identificação de temáticas sensíveis em muitos desses trabalhos mostra que é na graduação que o aluno desenvolve pensamento crítico e emancipatório. Nesse sentido, o TCC é fundamental enquanto instrumento inicial de produção e compartilhamento de conhecimento científico e exercício de autoria e posicionamento, capacitando o graduado tanto para uma vida profissional menos conformista como para uma vida acadêmica mais significativa.

Após essas primeiras considerações, demos continuidade ao nosso levantamento, tendo acrescentado trabalhos defendidos em 2019 nas cinco instituições do nosso estudo. É importante mencionar, contudo, que o fato de estarmos atravessando um período pandêmico,

que nos obrigou a adotar o ensino remoto, teve grande impacto na dinâmica de defesas e disponibilização de trabalhos nos repositórios, sendo que nem mesmo após entrarmos em contato direto com algumas das instituições podemos afirmar que o total de trabalhos defendidos aqui apresentados exato e completo. Embora tal inexatidão possa afetar os dados estatísticos, ela não afeta a análise das narrativas construídas nos TCCs que estão disponíveis, e que apresentaremos na próxima seção. O Quadro 3 mostra a distribuição desses trabalhos.

Quadro 3

Trabalhos defendidos em 2019

| | UFRGS | UnB | UFPB | UFPeI | UFU | Total |
|------------------------------|-------|-----|------|-------|-----|-------|
| Total TCCs defendidos | 10 | 23 | 11 | 9 | 14 | 67 |
| Temas sensíveis | 1 | 6 | 3 | 2 | 2 | 14 |

Fonte: elaborado pelas autoras.

12

A maioria dos trabalhos continuam sendo em língua inglesa (38), seguidos de trabalhos em espanhol (14), francês (3), japonês (2) e russo (1). Somente na UFPeI há mais trabalhos em língua espanhola (6) do que em língua inglesa (3). Em 2019, 20,8% dos trabalhos tiveram tema sensível, uma porcentagem um pouco maior que a observada no período de 2016 a 2018 (17,8%). Os dois trabalhos com tema sensível na UFPeI são em espanhol, e um na UnB é também nessa língua; todos os outros oito são em língua inglesa. O Quadro 4 mostra esses temas distribuídos por categorias.

Quadro 4

Temas sensíveis – 2019

| | Acessibilidade | Ética | Feminismo/ gênero | Minorias/literatura periférica |
|--------------|--|--|---|--|
| UFRGS | | | | Escravidão (IN) |
| UnB | inclusão social: autismo (IN); acessibilidade: braille (IN) | | cultura do estupro; (IN) feminismo (IN) | genocídio (IN); imigração/ refugiados (ES) |
| UFPB | | | 2. feminismo (IN) | literatura periférica (IN) |
| UFPeI | | ética/crítica e ideologia em tradução (ES) | | 2. Interpretação sócio- comunitária: imigração e políticas linguísticas (ES) |

| | | | | |
|-----|---|--|--|------------------------------|
| UFU | 1. acessibilidade: público surdo e ensurdecido (IN) | | | 2. línguas minoritárias (IN) |
|-----|---|--|--|------------------------------|

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Enquanto no período de 2016 a 2018 a maioria dos temas sensíveis estavam na categoria feminismo, em 2019 a maioria está em minorias/literatura periférica, já aparecendo temas como imigração/refugiados e genocídio, dois problemas bastante atuais de escala global. Vale destacar que as categorias política e meio ambiente, já com o menor número de trabalhos entre 2016 e 2018, não aparecem em 2019, ainda que sejam temas que vêm causando intenso debate pelo país, pois enquanto parte da população vê progresso nesses dois campos, a outra vê retrocesso e destruição.

Como se Posicionam Nossos Jovens Tradutores

Ainda que a escolha de tema, obra e/ou autor traduzido já seja um passo importante em direção a um posicionamento por parte do autor do TCC, por si só ela não garante um trabalho com teor sensível, como nos mostrou o levantamento feito até o momento. No início de nosso estudo, tentamos identificar as temáticas sensíveis nos títulos, palavras-chave e resumos, pois esses são os primeiros elementos com os quais temos contato ao lermos qualquer trabalho acadêmico; são eles que nos incentivam a ir adiante ou não na leitura do restante do texto. Assim, caso um tema sensível seja proposto, seria oportuno aproveitar esses espaços para apresentá-lo como tal. Observamos que a maneira como os temas são abordados nos resumos nos fala muito mais sobre o engajamento dos autores do que as escolhas desses temas ou autor/obra traduzidos, que nem sempre são assumidos com clareza nos resumos. Isso fez com que estendêssemos nossa análise às seções introdutórias dos trabalhos. Verificamos que alguns deles são mais bem desenvolvidos na seção inicial e outros acabam por nem serem problematizados, sendo que as temáticas sensíveis se resumem aos títulos e/ou palavras-chave. Vale mencionar que a ausência de discussão mais aprofundada dos temas escolhidos em nada insinua falta de qualidade dos trabalhos, pois tal aprofundamento pode muito bem fugir ao escopo proposto. Nosso objetivo aqui é identificar aqueles trabalhos cujos autores talvez tenham perdido uma oportunidade de expor sua relação com o tema, de relacioná-lo mais amplamente, a partir dos estudos da tradução, com questões atinentes à nossa sociedade; trabalhos que poderiam inspirar outros tradutores em formação que precisam ter consciência de seu lugar na construção de narrativas, que abordem de maneira crítica questões que

enfrentamos coletivamente. Selecionamos alguns exemplos de nosso corpus para ilustrar o que falamos aqui. Mais do que apresentar uma análise exaustiva dos textos do *corpus*, buscamos mostrar, neste artigo, como temos procedido, metodologicamente, na abordagem e constituição do próprio *corpus*.

1. *Identidade e alteridade: tradução e manifestação da poesia de W. B. Yeats (UnB)*

O presente trabalho é uma pesquisa na área de tradução literária de poesia, feita a partir do processo tradutório de cinco poemas do poeta irlandês W. B. Yeats . . . A segunda parte é dedicada à definição e discussão do projeto tradutório, cujo norte teórico provém das reflexões presentes no livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* de Antoine Berman. Suas considerações sobre a tradução reforçam a importância da relação entre o sentido e a letra, e exortam à produção de traduções éticas, isto é, que se abram para revelar o Outro. Ele defende a tradução não como comunicação, mas como manifestação. O intento destas traduções foi ético, pois buscou-se a produção de poemas capazes de manifestar o mundo e o sistema, o sentido e a letra dos originais.

Palavras-chave: W. B. Yeats, Antoine Berman, tradução de poesia, tradução ética, o Outro na tradução. (Monteiro, 2016, p. 5)

Tradução ética é apresentada nesse resumo como sendo aquela que dá espaço ao Outro, como defende Berman (2013) ao falar de tradução etnocêntrica. Para esse autor, resíduos do texto de partida deveriam permear o texto traduzido para a língua francesa, da mesma maneira que Venuti (1995) defende textos estrangeirizantes, ou seja, textos traduzidos para língua inglesa que carreguem traços do texto de partida. Porém, o local de fala, tanto de Berman como o de Venuti, é o de uma cultura central, hegemônica, logo, o Outro pertence à cultura periférica. Já no caso do TCC, esse Outro pertence ao centro, logo, essa ética de manter o “sentido e a letra dos originais”, como diz sua autora, em vez de funcionar como mecanismo de resistência, como advogam esses dois teóricos, acaba por manter a estrutura hegemônica inalterada, o que corrobora a fala de Silva (2019) sobre alunos de tradução, sobretudo em início de formação, considerarem como ético o tradutor que produz um texto sem interferências pessoais ou ideológicas, um tradutor que “não inventa”. Isso nos mostra que, como formadores e pesquisadores, precisamos estimular continuamente a leitura situada, crítica, aquela que de fato dialoga com as perspectivas e os conceitos construídos em outros contextos a partir de nossa

realidade e posição no mundo. O envolvimento ou engajamento com questões sensíveis de nosso contexto é uma forma também de repensar o conhecimento produzido pelos Estudos da Tradução e, em última análise, a única forma de produzir conhecimento de fato, saindo da posição de reprodutores.

2. O posicionamento do protagonista David Lurie em *Disgrace* e *Desonra* pelo uso de diferentes línguas na narrativa (UFRGS)

Este trabalho apresenta uma análise do posicionamento do protagonista David Lurie no romance *Disgrace*, de J. M. Coetzee, e em sua tradução para o português brasileiro, *Desonra*, de José Rubens Siqueira, pelo uso de palavras, expressões ou frases em diversas línguas na narrativa. O objetivo é observar como as escolhas tradutórias podem influenciar no posicionamento do personagem na narrativa e, a partir disso, iluminar aspectos relevantes para a tradução de textos multilíngues . . . Em sua maioria, as estratégias de tradução foram de conservação, mas há uma tendência maior ao acréscimo de informações, especialmente nos itens de origem em línguas oficiais da África do Sul. Desta forma, foi possível perceber que, em *Desonra*, o personagem de Lurie está mais distante do narrador, se distancia menos de sua ideia de África e continua buscando se aproximar da sua ideia de Europa. Espera-se, assim, indicar que um caminho possível para o tratamento de textos multilíngues é a combinação das estratégias de itens culturalmente marcados e de aspectos da narratologia.

Palavras-chave: *Disgrace*, *Desonra*, literatura multilíngue, tradução, itens culturalmente marcados, narratologia. (Dias, 2018, p. 7)

Nesse exemplo temos um trabalho sobre multilinguismo, tema com potencial de ser desenvolvido de maneira engajada pelo papel político que esse tema pode ter, sobretudo se o pensarmos como mecanismo de resistência à hegemonia linguística — hoje representada sobretudo pela língua inglesa —, tendo a tradução um papel fundamental nessa resistência. Apesar desse potencial, falta ao resumo um contexto que possa problematizar o tema. Dá-se início a uma discussão, mas essa acontece somente na Introdução, como mostram os trechos abaixo.

O cânone literário se constrói a partir de um viés monolinguista: tanto se baseando principalmente em línguas centrais, como o inglês e o francês, quanto desconsiderando o papel das traduções na sua formação — tudo isso, em geral, em textos monolíngues (Dias, 2018, p. 10).

Neste segundo momento, a autora manifesta o desejo de contribuir para uma mudança na maneira de como textos multilíngues são vistos e traduzidos, mostrando um grau de consciência da necessidade de trazer novas perspectivas para velhos paradigmas, chamando a atenção para o papel do tradutor de não apagar marcas do Outro em suas traduções.

Espero que este trabalho contribua para novas leituras da obra em questão e para a discussão sobre o que são textos multilíngues (à luz dos debates atuais) e sobre como lidar com eles em tradução. Além disso, espero que ajude a ver esses termos e trechos em outras línguas não simplesmente como empréstimos, como itens de outras línguas usados ao acaso, mas como itens com significados específicos no contexto de produção da narrativa (trazendo questões próprias desses itens para a tradução) e como escolhas justificadas pela narrativa (e que, portanto, devem ser traduzidas de forma coerente com ela. (Dias, 2018, p. 10)

16

3. Bendito seja o fruto: uma legendagem sob a ótica feminista e funcionalista de The Handmaid's Tale (UnB)

O objetivo deste trabalho é utilizar a série *The Handmaid's Tale* como objeto para reflexão de temas como o papel político do tradutor, gênero na tradução e linguagem como instrumento de poder. A proposta é discutir elementos da Teoria Feminista (Louise Von Flotow), da Teoria Funcionalista (Christiane Nord) da tradução e de questões acerca da prática da legendagem. A aplicação dos conceitos discutidos se dá na tradução e legendagem do episódio piloto intitulado —Offredll, utilizando o modelo de análise pré-tradutória de Nord e a técnica de suplementação de Flotow. A série é uma distopia que se passa na fictícia República de Gileade, sociedade totalitária que anteriormente foi parte dos Estados Unidos da América, onde as mulheres têm seus direitos subtraídos e toda a sociedade é dividida em castas.

Palavras-chave: legendagem, tradução feminista, tradução funcionalista, *The Handmaid's Tale*. (Lacerda, 2019, p. 4)

Vemos que nesse resumo, embora os temas propostos — papel político do tradutor, gênero na tradução e linguagem como instrumento de poder — não tenham sido problematizados, eles indicam que a autora pretende analisar seu objeto de estudo inter-relacionando esses temas para que daí surja uma reflexão do processo tradutório. Na Introdução do trabalho, por exemplo, ao apresentar a série, baseada no livro homônimo de Atwood, escrito em 1985, a autora nos lembra que o tema de uma distopia serve como ponto de discussão a respeito dos direitos das mulheres em tempos de grande conservadorismo na política mundial, sobretudo nos Estados Unidos e no Brasil. Em relação à situação política do Brasil no governo atual, que vem afetando as minorias de maneira desumana, a autora adiciona a seguinte nota:

Desde o início da campanha presidencial que evidenciou a popularidade do agora presidente Jair Bolsonaro em 2018, a guinada do Brasil à direita conservadora tem sido muito discutida. Em Abril de 2018, o Wall Street Journal publicou um artigo da jornalista Samantha Pierson sobre o assunto, onde ela discorre sobre o caminho da atual política brasileira, e suas consequências para a nossa sociedade: — Conservatism is making a comeback here. It is already playing out in the battle over women’s health and across politics, religion and the arts. . . Like the divide in the U.S., the rise of conservative Brazil has liberal citizens on edge. They worry about the rightward swing in a country that is among the most unequal in the world, has deeply ingrained racism, and only recently began pushing for women’s and minority rights (Pearson, Samantha. Brazil Turns Rightward, Heralding New Chapter for Latin America. The Wall Street Journal, Abril de 2018. (Lacerda, 2019, p. 9)¹⁷

17

4. *A interpretação sócio-comunitária e a imigração estudantil hispanófono no contexto de formação do bacharelado em letras - tradução espanhol/português da UFPel (UFPel)*

Este trabalho apresenta um estudo sobre a importância da interpretação sócio-comunitária para o recebimento da imigração estudantil hispanófono na Universidade Federal de Pelotas. Dessa maneira, demonstramos a necessidade de que o curso de bacharelado em Letras – Tradução Espanhol/Português atenda essa demanda, formando intérpretes sociais-comunitários que atuem como mediadores interculturais e lingüísticos na acolhida e recepção desse estudantes-imigrantes para sua devida inserção dentro do mundo acadêmico

brasileiro e adaptação à cidade de Pelotas. Essa formação pode servir também à comunidade, instituições e ONGs que trabalham com imigrantes na região. . . Podemos concluir, a partir de nosso estudo, que existe uma urgente demanda por intérpretes sócio-comunitários de línguas orais no par linguístico espanhol-português dentro dos programas de bacharelado de tradução das universidades públicas brasileiras, para atuar nesta nova área, que cresce cada vez mais, e está estritamente relacionada com os direitos fundamentais, a nova lei de imigração como as políticas linguísticas e a internacionalização da universidade.

Palavras-chave: interpretação sócio-comunitária, imigração, estudantes estrangeiros, intérpretes de línguas orais, formação de intérpretes. (Gonzalez, 2019, p. 7)

18

Trazendo um tema que, embora atual e premente, não tinha aparecido nos trabalhos coletados no período 2016–2018 — imigração —, esse resumo chama atenção para a crescente demanda por intérpretes sociocomunitários no par linguístico espanhol-português para lidarem com a imigração estudantil hispanófono na UFPel, mas estendendo essa necessidade à comunidade em geral. A partir daí, a autora aponta a importância de termos cursos de Tradução formando profissionais que atuem como mediadores interculturais e linguísticos, o que implica dizer que cursos de Bacharelado precisam estar mais comprometidos em entregar à comunidade tradutores que possam desenvolver um trabalho que seja relevante a essa comunidade, sobretudo em situações de desigualdade linguística e social; cursos que discutam as políticas linguísticas e a internacionalização das universidades de maneira mais inclusiva, que dê de fato espaço à pluralidade linguística e questione uma internacionalização que parece estar restrita a uma única língua. Vale mencionar que na página anterior ao resumo, a autora escolheu como epígrafe um relato sobre uma sessão de interpretação entre dois refugiados, um libanês e um nigeriano, em que este último descreve o assassinato da mulher e da filha em Lagos, o que o leva, e a tradutora, às lágrimas. O breve relato coaduna com o que discutimos aqui em relação ao papel do afeto na situação de tradução e interpretação: por mais que uma prática científica possa muitas vezes promover a neutralidade e fazer do tradutor/intérprete um profissional totalmente imparcial, são situações como essas, reais, que nos mostram que o profissional, humano que é, envolve-se com o interpretado em uma relação de empatia, que consequentemente acaba por abrir espaço a esse Outro no texto traduzido.

Continuando a Discussão

Ratificamos que nosso levantamento nos mostrou que a identificação de temática sensível nos títulos, palavras-chave ou na própria escolha de autor/obra a ser traduzida não é certeza de que essas temáticas serão problematizadas no resumo, espaço do texto acadêmico que antecipa o teor do trabalho. Por outro lado, quando autores se aproveitam desse espaço de apresentação de seu TCC, é nele, na maneira como articulam as ideias, que podemos enxergar a temática como sendo ou não sensível, pois elas podem indicar preocupação dos autores em apresentar trabalhos que façam alguma diferença, seja para a prática tradutória, seja sobretudo para a sociedade em geral, como tivemos a oportunidade de mostrar em alguns dos exemplos que trazemos na seção anterior. No resumo 3, por exemplo, ao apresentar seu objetivo, a autora expressa o desejo de promover uma reflexão sobre o papel político do tradutor e o poder da linguagem, enquanto no resumo 4, a necessidade de se formarem intérpretes sociocomunitários nas universidades públicas é trazida de maneira contextualizada, sendo que o TCC, segundo a autora, descreve as carências desse setor, e os resultados devem servir como ponto de reflexão na formação de profissionais que melhor atendam a essas necessidades, não só na UFPel, mas na comunidade como um todo. É neste último exemplo que podemos ver o tema proposto devidamente problematizado já no resumo, sendo que a autora ainda escolhe uma epígrafe que conversa de maneira certa com esse resumo.

19

Observamos também alguns casos em que a temática sensível é mais bem delineada em seções subsequentes ao resumo. Ao incluir as introduções em nossa investigação, pudemos encontrar elementos que indicam a construção de narrativas mais diretamente alinhadas ao que identificamos como sendo sensíveis. No exemplo 2, podemos ver como a autora questiona um pouco mais a questão do multilinguismo, que é tratado de maneira tímida no resumo. No exemplo 3, uma nota de rodapé oferece um vislumbre da situação política do país, um tema que precisa urgentemente ser discutido na academia pelas consequências nocivas das ações, ou falta delas, do atual governo federal.

Como já mencionamos aqui e em trabalho anterior (Loguercio & Silva, 2020), acreditamos que a tendência é vermos um crescimento regular, não só de cursos de Bacharelado e possíveis adições de pares linguísticos nos cursos existentes, mas também um aumento em abordagens sensíveis, sobretudo em resposta ao momento turbulento pelo qual passamos — basta considerarmos que os exemplos 3 e 4 são de trabalhos de 2019. Assim, ainda que um retorno ao obscurantismo, ao esvaziamento da democracia, possa intimidar orientadores e orientados, desencorajando o engajamento de nossos alunos, acreditamos que a resistência

possa se desenhar nas linhas dos resumos acadêmicos, que noticiam sua busca por um conhecimento-emancipatório capaz de influenciar novos e velhos tradutores. Se a abordagem de temas sensíveis, que exige um posicionamento político-ideológico por parte do tradutor em formação, ainda não predomina nos TCCs, conforme mostra nosso último levantamento, ela começa a ganhar mais aderentes em algumas áreas, como vemos, principalmente, com as temáticas feministas e de acessibilidade; além disso, está presente, de alguma forma, em várias línguas de trabalho, mesmo quando a diversidade linguística não parece ser prioridade em nossa educação superior de maneira geral, e mais especificamente na oferta de formação para tradutores e intérpretes.

É claro que devemos levar em conta, como aponta Baker (2019), que circunstâncias particulares, como o local de trabalho, por exemplo, podem ter impacto na contribuição feita por tradutores, sobretudo no início de carreira, quando lhes falta experiência e confiança para se posicionarem. Tal situação se repete na academia, onde o estudante luta por um futuro menos incerto, sendo que, normalmente, tem pouca autonomia em relação ao que é lhe proposto pelas instituições de ensino. Mas concordamos com a autora de que é preciso estimular jovens pesquisadores a fazerem pesquisa que lhes traga satisfação e tenha sentido para eles, pois somente assim estarão em condições de contribuir mais diretamente para o enfraquecimento de estruturas hegemônicas. No fundo, importa não esquecer de que os aspectos cognitivo, afetivo, social e político interrelacionam-se e retroalimentam-se continuamente no sujeito, que é sempre um sujeito de aprendizagem. Seria muito bem-vindo se nossos jovens tradutores aprendessem que, ao mesmo tempo em que a profissão sofre com as condições impostas por uma sociedade que cede cada vez mais à dinâmica neoliberal — que precariza o trabalho a partir de práticas opressoras —, é possível criar alternativas ao que existe, intervir efetivamente em “seu mundo”, em seu meio de trabalho. Como nos lembra Santos: a esperança “. . . reside antes na possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares excepto naqueles em que ocorreram efetivamente” (Santos, 2011, p. 36).

Por fim, os resultados desse observatório nos encorajam a estreitar os vínculos com as demais disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. Os cursos de Graduação, como já mencionamos aqui, mostram-se cruciais enquanto espaço de desenvolvimento do pensamento crítico e emancipatório. Nesse sentido, o importante papel do TCC enquanto primeiro instrumento de compartilhamento desse pensamento adquirido durante essa fase da vida

acadêmica precisa ser reconhecido, assim como também precisa ser reconhecida a contribuição do graduado à produção de conhecimento, pois afinal é ele que, por um lado, alimenta os programas de Pós-Graduação e, por outro, funciona como revisor e transformador das práticas tradutórias.

REFERENCIAS

- Agier, M. (2006). Ce qui rend les terrains sensibles... et l'anthropologie inquiète. In F. Bouillon, M. Fresia & V. Tallio (Eds.), *Terrains sensibles: expériences actuelles de l'anthropologie* (pp. 175–184). EHESS.
- Baker, M. (s/d). *Narratives in and of Translation*.
https://www.academia.edu/218861/Narratives_in_and_of_Translation
- Baker, M. (2018a). A tradução como um espaço alternativo para a ação política (C. Roscoe-Bessa, F. Lamberti & J. A. Rodrigues, Trans.). *Cadernos de Tradução*, 38(2), 339–380. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p339/36483>
- Baker, M. (2018b). Reenquadrando o conflito na tradução (C. Roscoe-Bessa & F. Lamberti, Trans.). *Cadernos de Tradução*, 38(3), 518–548.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p518>
- Baker, M., & Zaidan, J. M. (2019). Tradução e transformação social: uma entrevista com Mona Baker – Translation and social change: an interview with Mona Baker (J. Zaidan & P. Rezende, Trans.). *PERcursos Linguísticos* [Dossiê: Tradução & Transformação Social], 9(21), 14–35.
<https://periodicos.ufes.br/percursos/issue/view/1076>
- Berman, A. (1995). *Pour une critique des traductions: John Donne*. Gallimard.
- Berman, A. (2013). *A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo* (M-H. C. Torre, M. Furlan & A. Guerini, Trans.). Copiart. (Obra original publicada em 1985)
- Bhabha, H. (1994). *The Location of Culture*. Routledge.
- Bouillon, F., Fresia, M., & Tallio, V. (2006). *Terrains sensibles : expériences actuelles de l'anthropologie*. EHESS.
- Cheung, M. P. Y. (2013). Repensando o ativismo: o poder e a dinâmica da tradução na China durante o final do período Qing (1840–1911) (E. Gysel, Trad.). In R. F. Blume & P. Peterle (Orgs.), *Tradução e relações de poder* (pp. 309–346). Copiart.
- Dias, C. F. (2018). *O Posicionamento do protagonista David Lurie em Disgrace e Desonra pelo uso de diferentes línguas na narrativa* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193079/001090714.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- Fish, S. (1980). *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*. Harvard University Press.
- Ghasarian, C. (2002). *De L'ethnographie à l'anthropologie réflexive nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux*. Armand Colin.
- Gonzalez, B. O. (2019). *A interpretação sócio-comunitária e a imigração estudantil hispanófono no contexto de formação do bacharelado em letras – tradução espanhol/português da UFPel* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Pelotas].
- Grossmann, F. (2015). Por que as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico (H. Mari, Trad.). In F. Rink, F. Boch & J. A. Assis (Orgs.), *Letramento e formação universitária* (pp. 97–128). Mercado de Letras.
- Lacerda, M. (2019). *Bendito seja o fruto: uma legendagem sob a ótica feminista e funcionalista de The handmaid's tale* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/24542>
- Loguercio, S. D., & Silva, M. M. (2020). Estudo exploratório: que temas são traduzidos e/ou pesquisados em cursos de tradução no Brasil? *Cultura e tradução*, 6(1), 69–84.
- Monteiro, L. M. F. P. (2016). *Identidade e Alteridade Tradução e manifestação da poesia de W. B. Yeats* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/16418>
- Nord, C. (2016). Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução (C. K. Kilian, Trad.). *Cadernos de Tradução UFRGS*, (N. especial), 9–34.
- Santos, B. de S. (2011). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (v. 1, 8ª. ed.). Cortez.
- Silva, M. M. (2019). Ética e mediação tradutória. In *ENCONTRA: 2º. Encontro de Tradução*, Universidade Federal do Rio Grande. <https://www.youtube.com/watch?v=tOscVi-FcnU&t=126s>
- Simon, S. (1996). *Gender in Translation*. Routledge.
- Spivak, G. C. (1993). The Politics of Translation. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 397–416). Routledge.
- Tymoczko, M. (2013). Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre” (lugar)? (A. C. Teles, Trad.). In R. F. Blume & P. Peterle (Orgs.), *Tradução e relações de poder* (pp. 115–148). Copiart.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility – A History of Translation*. Routledge.

Venuti, L. (2002). *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença* (V. Biondo, M. D. Esqueda, L. Pelegrin & L. M. Villela, Trad.). EDUSC. (Obra original publicada em 1998)

¹ Usaremos predominantemente o termo tradutor ou tradução como uma forma genérica para nos referirmos aos profissionais que atuam, nas mais distintas modalidades, de tradução e interpretação, não sendo de todo relevante para nossa discussão essa distinção.

² Para o autor, essa noção tem como princípio que toda produção de conhecimento deveria vencer as formas de colonialismo e levar à solidariedade, que reconhece o outro como sujeito e, portanto, produtor de conhecimento. Tal noção se distingue daquela de conhecimento-regulação, predominante na modernidade, que tem como princípio ordenar as realidades (Santos, 2011, p. 30).

³ Em uma obra publicada em 1980, *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*, Stanley Fish sustenta o argumento de que toda ação interpretativa ocorre sempre atrelada a comunidades interpretativas, que dão formas, limites e alcances às subjetividades individuais; em outras palavras, representam tudo o que os sujeitos interiorizam enquanto normas, reflexos, comportamentos, expectativas etc. e que, por sua vez, condicionam sua interpretação.

⁴ Antropologia dita reflexiva, marcada por um fazer etnográfico em que o pesquisador de campo, ao mesmo tempo que investiga, reflete sobre seu modo de investigar, suas motivações e sua relação com o que está sendo investigado, transformando-se igualmente em sujeito investigado (ver Ghasarian, 2002).

⁵ Não podemos esquecer, nesse caso, que o próprio *status* do profissional da Tradução e da Interpretação é um tema sensível em um país indiferente a políticas linguísticas que visem relações, interna e externamente, mais democráticas e inclusivas. Isso tem consequências no mercado de trabalho, com a falta de regulamentação da profissão e o não reconhecimento de seu papel na sociedade.

⁶ No caso de traduções comentadas ou de análise de traduções, essas relações são vistas, por exemplo, na relação com o autor/locutor que se traduz/interpreta, com o assunto tratado, com a comunidade receptora, com outros mediadores e informantes da tradução, como consultores, outros tradutores etc.; em pesquisas aplicadas, estudos de caso, relatos de experiência, as relações do investigador da Tradução se equiparam a de pesquisadores de outras áreas das ciências humanas.

⁷ No original: *est avant tout un ensemble de relations qui supposent la présence et l'engagement personnel du chercheur* (p. 178); *l'existence même de la recherche dépend . . . de la possibilité d'un "dégagement" consécutif ou alternatif à l'engagement sur le terrain*. (p. 181); *l'intelligibilité du monde social* (p. 179).

⁸ Exceção feita àqueles profissionais de renome, normalmente tradutores literários, ou àqueles que atuam em áreas paralelas, especialistas muitas vezes de outras disciplinas, não apenas como tradutores/intérpretes.

⁹ Vale lembrar que intérpretes comunitários podem trabalhar para a parte dominante na situação em que são chamados a atuar. Por exemplo, em países que recebem refugiados. Assim, se não houver empatia por parte desses profissionais e uma compreensão ampla da situação - o que envolve um bom grau de politização de sua parte -, a interpretação se torna um encargo como outro qualquer. Nesses casos, a abordagem sensível se justifica ainda mais.

¹⁰ Em um estudo de caso sobre o poder e a dinâmica das traduções na China Imperial (final do período Qing), a autora revisita e problematiza a relação entre tradução e ativismo e suas repercussões para mudanças sociais e/ou transformações culturais.

¹¹ Nem todos os bacharelados escolhem a tradução para seus TCCs, havendo trabalhos nas áreas de literatura, linguística, terminologia entre outras. Esses trabalhos não fazem parte de nosso estudo.

¹² Nosso levantamento mostrou que nem todas as instituições mantêm suas bases de dados atualizadas. Esse total de 231 trabalhos inclui somente os que estavam disponíveis nos repositórios durante nossa busca em setembro de 2019, ou que tenhamos obtido através de contato pessoal com as universidades.

¹³ A produção de trabalhos nessa ênfase é sempre alta, não só porque é a única língua em duas das instituições (UFPB e UFU), mas também por ter tradicionalmente o maior número de matriculados nas outras.

¹⁴ Para uma distribuição mais detalhada entre as instituições, ver Loguercio e Silva (2020).

¹⁵ De acordo com levantamento feito em 2020 pelo Instituto Simesp, com base nos dados do censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 57% dos estudantes matriculados em instituições de ensino superior são mulheres. Nos cursos de licenciatura, as mulheres ocupam 71,3% das vagas, enquanto nos cursos de bacharelado, esse número é de 54,9%. (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,72%2C1%25%20dos%20estudantes>)

¹⁶ Citamos duas leis, ambas sancionadas pela então Presidenta Dilma, que marcam importantes conquistas no combate à violência contra a mulher — a Lei Maria da Penha, de 2006, que combate a violência doméstica, e a

Lei do Femicídio, de 2015, que classifica como crime hediondo o assassinato de mulheres por razões da condição de sexo feminino. (<http://www.planalto.gov.br>)

¹⁷ O conservadorismo está voltando aqui. Já está acontecendo na batalha pela saúde das mulheres e na política, religião e artes. . . Como a polarização nos EUA, a ascensão do Brasil conservador vem deixando cidadãos liberais nervosos. Eles se preocupam com essa guinada à direita em um país que está entre os mais desiguais do mundo, que tem um racismo profundamente enraizado e que só recentemente começou a lutar pelos direitos das mulheres e das minorias (Pearson, Samantha. O Brasil se Dobra à Direita, Anunciando um Novo Capítulo para a América Latina. The Wall Street Journal, abril de 2018) (tradução nossa).